

ENTREVISTA

Marcelo Neri / economista e professor

Diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV lança livro que analisa o legado da Olimpíada do Rio e diz que 'não soubemos usar a prerrogativa que tivemos'

SELMA SCHMIDT SELMA@oglobo.com.br

'OS ANOS APÓS OS JOGOS FORAM UM PERÍODO SOFRIDO PARA A CIDADE'

CUSTÓCIO COMBRA/22-11-2017



Autor. Neri: "A história ainda não acabou. Cabe a nós criar esse legado positivo"

Às vésperas da abertura dos Jogos de Tóquio, Marcelo Neri lança amanhã, de forma on-line, o livro "Evaluating the local Impacts of The Rio Olympics" (Avaliando os impactos locais das Olimpíadas do Rio, em tradução livre), que organizou e é coautor com outras 13 pessoas. A publicação mostra que, desde o anúncio da escolha do Rio como sede da competição e até a sua realização, o município manteve as rodas da economia girando, apesar da recessão brasileira. Numa comparação com outras cidades, revela que, no período pré-

olímpico, o Rio esteve melhor em 18 de 24 indicadores. Nos anos anteriores (1992-2008), estava na frente em sete deles. Em entrevista ao GLOBO, Neri diz que, após os Jogos, "é como se o Rio tivesse subido o Olimpo e se jogado do lado de lá". Mas ele garante que a história ainda não acabou.

Qual é o objetivo do livro?

É responder à pergunta: como a Olimpíada do Rio mudou a vida das pessoas, a água, o esgoto, a habitação, o transporte, a inclusão digital, o emprego? A gente não analisa só setores tradicionais, como tu-

rismo e construção. Faz uma análise mais ampla, ou seja, o que vinha acontecendo antes de o Rio ser anunciado como sede dos Jogos (2009) e os impactos sociais do legado pré-olímpico.

Durante a preparação dos Jogos, o Brasil vivia a pior recessão econômica de sua história. Esse seria um diferencial importante em relação a outras cidades que sediaram Jogos?

Com certeza. Normalmente, a Olimpíada é uma espécie de cereja do bolo. Países como a Coreia e a China tinham pujança econômica. O caso do Brasil era atípico, porque entrou em recessão antes da realização da Olimpíada. Em 2014, chegou a recessão. Acho que esse é um ponto que fez a diferença para o Rio, porque, na cidade, você manteve as rodas da economia girando até a realização dos Jogos.

Estamos pagando as contas das grandes obras feitas até hoje, e muitos espaços estão subaproveitados. Faltou um planejamento maior?

Acho que não. A Olimpíada foi usada como um fio condutor de planejamento. No Rio, a gente olhava muito para trás, a perda da capital, o saudosismo, a perda de espaço. A Olimpíada representou um desafio para frente. Pode-se falar se esses recursos foram bem aplicados ou não, mas você atraiu financiamento. Por outro lado, acho que é como se o Rio tivesse subido o Olimpo e se jogado do lado de lá. A grande perda foi depois da Olimpíada.

Em relação à mobilidade, qual a avaliação desse período pré-olímpico?

O Rio perdeu, quando se compara com outras cidades. O metrô da Barra ficou pronto em cima da hora. Também acho que o problema foi depois da Olimpíada. Mas a gente vai realmente saber qual foi o legado das Olimpíadas daqui a dez, 20 anos. Não há dúvida que o período pós-olímpico foi de muita dificuldade. O pré-

olímpico, como o livro mostra, foi de muito mais ganhos. Do pós-olímpico, não temos dados organizados, mas acho que houve perdas.

O que a Olimpíada do Rio trouxe de mais positivo?

A Olimpíada, em geral, tem uma conotação mais elitista, que não envolve tanto a base da distribuição. No Rio, no período pré-olímpico, observou-se uma redução de pobreza importante, e geração de emprego. A vida do carioca melhorou. A maioria dos indicadores se tornou positiva.

E o aspecto mais negativo nesse período pré-olímpico?

Os problemas urbanos coletivos, como o tempo gasto no transporte, o saneamento básico precário e também a inclusão digital, que melhorou com a expansão da internet e os celulares, mas menos do que em cidades como São Paulo e outros municípios da Região Metropolitana do Rio.

Como o senhor resumiria o legado dos Jogos do Rio?

O Rio tinha se tornado muito desigual, e, durante a Olimpíada, a desigualdade caiu, o que achei surpreendente. Tem também a infraestrutura. Mas o legado depende do que fazemos, do que a população do Rio faz desse legado. Os anos após os Jogos foram um período sofrido para a cidade. Não soubemos usar a prerrogativa que ganhámos de organizar os Jogos. Mas a história ainda não acabou. Cabe a nós criar esse legado positivo.

O que é preciso ser feito para consertar erros e resgatar o que sobrou de positivo dos Jogos?

A primeira coisa é avaliar o que aconteceu, olhar para os dados. Essa é uma tentativa do livro: colocar dados objetivos na mesa. Acho que o que a gente está sentindo falta, e que foi o grande ganho durante o período de preparação da Olimpíada, é de uma meta. Precisamos de metas, desafios, sonhos.